

## **A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL E A TERRITORIALIZAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: O CASO DO ASSENTAMENTO SEPÉ TIARAJU (CAMPOS NOVOS - SC)**

**André Vasconcelos Ferreira<sup>1</sup>**

O presente trabalho tem por objetivo analisar os aspectos referentes à cooperação praticada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, particularmente, no Assentamento Sepé Tiaraju, a fim de compreender os elementos que o tem levado a territorializar-se no contexto da hegemonia capitalista da atualidade. O referencial teórico-metodológico que orienta esta pesquisa tem como essencial que para entender qualquer processo de territorialização é necessário situá-lo no contexto da totalidade espacial; por sua vez, observa-se que no âmbito desta universalidade, atualmente, o fenômeno dominante da mundialização do capital dá conta de que grandes capitais transnacionais reúnem as maiores vantagens para territorializar-se, enfatizando tendências históricas de concentração e centralização de capitais, além da expropriação territorial de formas tradicionais de produção, incluindo os pequenos e médios produtores rurais proletarizados. No entanto, o espaço rural brasileiro demonstra a incidência de movimentos sociais organizados em meio aos setores desprovidos de capital, como é o caso do MST e do próprio Assentamento Sepé Tiaraju, que vêm conseguindo territorializar-se no contexto da mundialização capitalista. No caso desta pesquisa, observou-se que a territorialização do MST reúne elementos de uma cooperação solidária organizada em seu benefício, que atribui ao Movimento uma maior autonomia em relação às leis gerais da acumulação capitalista. No âmbito da territorialização do Assentamento Sepé Tiaraju enfatiza-se que o acesso à terra, bem como, à uma gama ampla de conhecimentos, foi realizada mediante o aporte de um intercâmbio solidariamente instituído desde o período das ocupações e dos acampamentos, passando pelos espaços das manifestações, até a atividade cotidiana do Assentamento. No que se refere à produção material do Assentamento verifica-se que os assentados produzem grande parte dos alimentos e insumos de origem agrícola dos quais necessitam, entretanto, ainda definem boa parte de suas estratégias com vistas à comercialização, principalmente, tendo como base, a produção leiteira, a qual reúne grande atenção do Movimento Sem Terra em todo o Estado de Santa Catarina. Observa-se que a produção realizada em função do autoconsumo, incluindo produtos materiais e imateriais, contribui, sobremaneira, para diminuir custos financeiros da produção leiteira, inclusive, para viabilizá-la no âmbito do mercado. Por sua vez, a escala do intercâmbio solidário realizado pelo Assentamento e pelo próprio MST é relativamente pequena se comparada à extensão da cooperação capitalista, o que impede que as forças produtivas sociais controladas solidariamente pelo Movimento tenham a mesma magnitude daquelas desenvolvidas sob o modo de produção capitalista. Neste sentido, conclui-se que a territorialização do MST, como no caso do Assentamento Sepé Tiaraju, foi virtuosa no sentido de desenvolver uma cooperação solidária para além dos marcos da pequena produção agrícola

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Geografia. Orientadora: Walquíria Krüger Corrêa. Data da Defesa da Dissertação: 09 de setembro de 2005.

Revista Discente Expressões Geográficas, nº 06, ano VI, p. 251 – 252. Florianópolis, junho de 2010.

[www.geograficas.cfh.ufsc.br](http://www.geograficas.cfh.ufsc.br)

tradicional, o que rendeu ao movimento uma maior independência e resistência em relação ao capital; ao mesmo tempo, esta territorialização encontra limites na própria capacidade do Movimento de ampliar seu intercâmbio solidário até as escalas mais amplas da cooperação social, o que condiz irremediavelmente com a necessidade de superação da hegemonia capitalista do espaço.

**Palavras-chave:** Assentamentos Rurais; Reforma Agrária; Cooperação; Movimentos de Trabalhadores; Transição Socialista.